

Moradigna

Tendo sofrido por 20 anos com o mofo, os “puxadinhos” e as eternas reformas na casa de sua mãe no Jardim Pantanal, Matheus Cardoso começou a querer melhorar a residência das pessoas quando ainda tinha sete anos, 13 anos antes de fundar o Moradigna.

Fundado em 2015, o Moradigna é um negócio focado em reformas simples para melhorar a salubridade, a higiene e o conforto de residências das classes C, D e E na Zona Leste de São Paulo. Os serviços são prestados em até cinco dias por meio da “reforma express”, que compreende a mão de obra, o material e o gerenciamento da obra. Pago em até 12 vezes no boleto ou no cartão, o serviço tem garantia de um ano. Comandado pelos sócios Matheus Cardoso, Rafael Veiga e Vivian Sória, o negócio tem lucro líquido de até 10% e realiza cerca de 25 reformas ao mês. Com o valor médio de R\$ 5 mil por reforma, até 2017 a empresa já havia faturado o total de R\$ 1,5 milhão.

O Moradigna acreditava que possuía vantagens para os clientes em relação à forma tradicional que eles costumavam fazer as reformas, que, na maioria das vezes, acontecia sem planejamento, sem prazo para acabar e sem previsão de gastos. Mesmo que a contratação do serviço diretamente com um pedreiro pudesse parecer, à primeira vista, mais barata, os sócios estimavam que, com o Moradigna, o cliente poderia fazer uma economia total de até 40% com as finanças e 100% com as dores de cabeça.

Os serviços do Moradigna eram tão simples quanto retirar o mofo, colocar uma janela, instalar uma porta, fazer pintura e colocar revestimento no banheiro. Mas Matheus sabia o que isso impactava na motivação de uma criança para ir à escola ou na disposição para o trabalho de uma diarista. O Moradigna já havia beneficiado 1250 pessoas e os sócios queriam multiplicar esse número por dez em três anos, mas ainda buscavam formas para amadurecer a medição do impacto social. “A questão da moradia é negligenciada. Quando um bebê fica doente por dormir ao lado de uma parede mofada, isso cai na conta dos índices de saúde”, contou Matheus.

Para a ONU, o agravamento da precariedade das moradias era um problema mundial. Cerca de 100 milhões de habitantes (ou 10% da população) viveriam em assentamentos precários, podendo chegar a três bilhões até 2050. A questão está retratada no ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, em que uma das metas era, até 2030, garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível. Então de 50,7% de pessoas morando em favela, contra a média de 6% do restante do país.